

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
ANO V—Número 1.454
Domingo, 19 de Agosto de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL
TELEFONE—5339-C
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A Companhia dos Eléctricos oferece já 30 contos aos jornais burgueses que a deem atacado, para que eles se cale. Esta «honrada» imprensa, porém, acha ainda pouco. Depois da escandaleira do pão, é o novo «prémio» que oferecem ao povo que, numa apatia criminosa assiste de braços cruzados à exploração dos bandedeiros.

PÃO BARATO!

Pão barato! Eis o que reclama a Organização Operária!

O povo não deve consentir que as moagens, a pretexto de ter terminado o «pão político», aumentem o preço desse imprescindível alimento. Ao primeiro esbôço de assalto que os moageiros tentem, o povo deve responder com toda a energia. Se o ministro da Agricultura deu às moagens todas as liberdades, também implicitamente, entregou nas mãos do povo a sua própria defesa.

Da energia dos consumidores depende a elevação ou diminuição do preço do pão.

Apenas se deve consentir na substituição de dois por um só tipo de pão.

QUEREMOS UM TIPO UNICO DE PÃO BARATO!

O verdadeiro carácter é revolucionário

Ramalho Ortigão, que já mais foi considerado um perigoso revolucionário, demolidor terrível da sociedade, afirmou que o regime da obediência é o sistema da negação do carácter. «O homem só é homem desde o instante em que, perante o conflito da consciência e da autoridade, aprende a ser um rebelde».

Nada mais justo do que este formulado conceito. E nós aceitámo-lo, instintivamente, mesmo muito antes do termos lido.

Há muito que a consciência se encontra em litígio com as autoritárias instituições capitalistas, que se baseiam na fraude e na violência; há muito que as consciências desmoralizadas lutam contra uma sociedade iníqua que nos nega todo o direito de viver livres e felizes.

Mercê deste trambolhão social, político e económico que fundamente arrastou a humanidade, obrigando-a a arrastar-se com as muletas do Estado e seus ditadores, que maltratam e a usurpam, a rebeldia principiou a animar os homens que sentiam todo o peso da escravidão. Com a evolução das coisas e das ideias, a rebeldia tornou-se mais potente, transformando-se num temperamento revolucionário. O carácter, portanto, denunciou-se mais pujante.

E como a firmeza do nosso carácter de revolucionários libertários não permite que obedeçamos à tirania governamental e burguesa do fisiocracismo dos nossos grandes detentores da terra e da plutocracia dos nossos comerciantes, industriais e financeiros, detentores das fábricas e da produção proletária; não permite que assistamos indiferentemente, passivamente, a toda essa orgia descomunal com frenesi gosa pelos exploradores e ricos desviados, sabido como está que a obediência é a forma forçada de manjeira em que se molda a massa saponácea dos servos, mas em que perde o feitiço, porque se quebra ou se esborra, a nobre personalidade humana» (Ortigão) — chamam-nos então bandidos, que queremos, pela violência

dos nossos raciocínios subversivos e pela violência das nossas acções insurgentes, derrocar este sistema pútrido em que se escora a autoridade, o capitalismo, a desigualdade social e económica.

Admiram-se, depois, que nós, sempre insubmissos às teorias do feudalismo burguês, digamos com Schiller que a «nossa sociedade de bandidos será muito mais justa que esta velha e despolítica sociedade, em que os mais pobres corações estão de antemão condenados à morte, porque criamos um novo mundo e começamos uma nova história, com páginas brilhantes em prol da liberdade, da vida confortável, feliz...»

Admiram-se os enfatuados e literatizados defensores do actual estado de coisas, da presente bandalheira em que se refocilam os homens do regime, que nos digamos, como Filho de Almeida, que essa espalhafatosa máquina que se chama o Estado se tornou um poder semente: «perseguido-nos por toda a parte, para não impedir de fazer o que queremos, marchar, falar, pensar, viver; legislando para todos os actos da nossa vida, com tal montanha de leis, que toda a acção coordenada se perde; criando nuvens de empregados iníctos, burocracia, exército, excessos de polícia, excessos de magistratura, praga tórida que absorve tudo, de fora tudo, com uma só religião, mantenha-se, e do universo apenas o aperçu do que se abrange através os vidros dos seus antros»...

Abunda que pese a toda essa corja abalada que se nutre insaciavelmente com o trabalho alheio, continuamos a afirmar com Guyard que todos os legisladores, seja qual for a sua taboleta política, são hominúsculos «que fazem regras para os outros e excepções para si»; persistimos a defender com Ziegler, a despeito de todas as violências, a opinião de que «quando houver coisas que não devem existir, situações injustificáveis, instituições nascidas da

injustiça, barreiras e cadeias para assegurar a escravidão, é preciso reconhecer em face de todos esses abusos, a existência dum direito imprescritível de protesto e insurreição...»

Não nos queremos que o segredo da tirania, e o problema dos governos, como o Figaro já o descobriu em 1893, seja o fazer guardar os pobres de blusa pelos pobres do uniforme. O que desejamos, como Turgot, é que «essa deplorável criação da nossa fantasia» — o direito da propriedade privada, não continue a ser o eixo à volta do qual gira esta sociedade de ignorância, mas sim seja estabelecido o estado de comunidade livre, «o único justo, o único bom, o único conforme com os puros sentimentos da natureza, e de que fora dele não há sociedades possíveis e verdadeiramente felizes».

Para que não exista aquela solidariedade vergonhosa entre o governo que faz o mal e o povo que o aceita, solidariedade descrita por Vitor Hugo, é que nós, parte integrante desse mesmo povo, nos conservemos em constante protesto, não só contra os males dos governos, mas também contra os males das castas privilegiadas — pelejando por uma sociedade onde todo o ser humano não ande numa confusão de repulões, onde as livres relações entre os grupos de produtores e consumidores por afinidades não sejam um mistiúrio de incoerências desastrosas.

Voltaire já demonstrou que para o homem ter autoridade sobre outro homem, procura diferenciá-lo de si, vestindo uma toga, envergando uma farda, embrulhando-se numa solaina, para assim, melhor impor a obediência à burguesia prática do roubo pelo roubo, da exploração do homem pelo homem. Porém, como os anarquistas e sindicalistas revolucionários se acautelam escrupulosamente da negação do seu carácter, a única diferença que tem sobre os homens do capitalismo para que a sua autoridade moral, e não violenta

e não fictícia, se imponha — rebelam-se perante esse conflito de consciência e de autoritarismo...

«Para quê? Para que a diferença da toga, da farda e da solaina seja eliminada pela igualdade da blusa do trabalho extensivo a todo o válido, operando num labor útil e em benefício da comunidade geral».

Enquanto a sociedade, em vez de ser organizada pelas associações livres e federadas dos homens voltados para uma vida de paz e harmonia, sobre a base da comunidade da terra e de todos os instrumentos de trabalho — estiver constituída pela forma como está, fundada no antagonismo de interesses, na exploração dos trabalhadores, nas violências do Estado, nas roubalheiras dessas castas parasitárias que formam as tais forças do olho vivo — os protestos dos escravos sempre se farão ouvir, os protestos e rebeldias dos revolucionários estarão sempre na ordem do dia e da noite, porque a questão social ainda não terminou, mas antes se agrava e se estende a todo o mundo.

E escusam os tirantes de pensar em conjurar, radicalmente, o perigo que os ameaça e os há de fazer beijar o pó das estradas.

Basta raciocinar, para se convencerem desta grande verdade, sobre este pensamento do visconde de Ouguela: *Tam drádo é plantar uma nova doutrina e retirar-lhe adeptos e prosélitos, como é embragar de desenganá-la depois substituí-la por outro credo.*

E o credo da libertação humana, da felicidade humana, que é a suprema aspiração de todos os que sofrem as torturas, as misérias, as perseguições do capitalismo monárquico ou republicano, jamais será substituído na consciência dos povos, em luta aberta contra a autoridade...

E nós que somos povo das oficinas, que queremos ser homens, aprendemos a ser rebeldes, mais: revolucionários — para que tenhamos carácter...

CONTRA OS ARDIS DA MOAGEM

A população reclama o tipo único de pão

A supressão do pão político veio colocar os consumidores na incerteza e na angústia. E' que o pão constitui o principal alimento da população trabalhadora e esta não pode suportar o encargo económico que para ela vem a surgir da elevação do preço. A afirmação feita pelo ministro, de que a Moagem ia ficar à vontade, podendo fabricar os tipos de pão que lhe apeteça e vendê-los ao preço que ela mesmo resolvesse, causou, não o encobrimento, uma grande indignação. E' que a população sabe quem é a Moagem; está ao facto das suas manigâncias, o que não admira visto ser ela a sua eterna vítima.

O pão já tem sido por vezes amassado no sangue dos proletários; no sangue que a tropa, ao mando do governo para assegurar a impunidade da exploração moageira, tem feito correr. A Moagem tem ido longe nos seus repugnantes processos de falsificação e envenenamento. Ela, ora tom provocado a falta de pão, ora o tem fabricado de maneira a envenenar os consumidores que são forçados a adquiri-lo. Muitas doenças tem sido originadas pela Moagem que não tem hesitado em fabricar o pão com matérias nocivas e intragáveis.

A afirmação do ministro de que a Moagem ficaria com a liberdade de modificar o regime de pão, veio provocar bastante alarme, bastante estranheza e bastante indignação.

Porém, como o aumento do pão, coincide com a desapareição do chamado pão político, e o nosso protesto se tem assinalado no mesmo momento, houve quem tivesse interpretado mal a nossa atitude.

Diz-se que somos a favor do pão político e que por isso protestamos contra a sua supressão. Erra quem assim pensa. Nunca reclamámos o pão político, mas sim o tipo único de pão. O ano transacto quando se declarou a greve geral — essa greve geral que provocou da parte da polícia uma repressão sangrenta que foi até ao crime — reclamávamos o tipo único. A nossa orientação não mudou. Simplesmente a nossa reclamação, que era a reclamação do povo, foi o ano passado afogada em sangue.

Não nos compete a nós, que não somos legisladores nem homens de Estado, nem temos o menor empenho em que o Estado continue existindo, reclamar que o pão político continue ou cesse. O nosso interesse, não é o interesse do Estado, mas o da população, o que é muito diferente e mais sensato.

Se o Estado quer o regime de pão político ou entende suprimi-lo, isso é com ele. O que nós queremos, o que a população quer, e é isso que se exige do Estado é a criação dum tipo único de pão. Não há estômagos de duas ou três qualidades e não se admite portanto que existam duas ou três qualidades de pão.

A questão de vários tipos, representa quanto a nós, um absurdo, um erro e um crime. O pão deve ser só um — e igual para todos, para os que trabalham e para os que exploram os trabalhadores. O nosso estômago é a dos nossos exploradores não é diferente. A qualidade do pão deve, portanto, ser igual. O pão deve ser pão. E nós reclamamos o tipo único, isto é, reclamamos um pão que o seja do facto e não em aparência.

Reclamamos igualmente que esse pão seja vendido a preços que estejam ao alcance das bolsas dos trabalhadores. Porque se assim não for o consumo do pão será restrito aos que auferem lucros, aos que exploram, e a população ficará portanto privada do seu principal alimento.

A atitude do ministro suprimindo o chamado pão político, não merece por esse facto, nem a nossa simpatia, nem a nossa antipatia. Deixa-nos indiferentes. Com as consequências da atitude do ministro é que nos preocupamos. A liberdade que ele concede à Moagem de fixar o preço do pão, revolta-nos, porque essa liberdade significa um assalto à bolsa dos consumidores, um atentado contra o direito à vida. A liberdade de a Moagem poder impingir, a seu talento vários tipos de pão — eis o que provoca o nosso protesto.

O sr. ministro da agricultura argumentou anteontem à comissão da C. G. T. que iria estabelecer a concorrência entre as moagens e que dessa concorrência resultaria vantagem para os consumidores.

Como dissemos, a comissão obtemperou-lhe que a concorrência não se daria, visto não haver abundância de trigo. Além das razões e uma das quais bem importante: é que se existem várias moagens é uma só quem dita a lei.

Pois é a própria moagem quem pela voz do sr. Eduardo Reis que é um dos seus maiores influentes, vem declarar numa entrevista ontem concedida à «Tarde» que não acreditava que venha a haver concorrência.

A confissão da moagem, pela audácia que revela, é insuspeita. A população deve estar pronta a agir, se for necessário, para reclamar que o pão seja igual para todos, que não seja nocivo, não sirva de veneno em vez do alimento; que seja vendido a preços que permitam, aos consumidores, a sua aquisição. Numa só frase: que o pão não sofra aumento no preço e não seja falsificado.

A população deve estar pronta a agir, se for necessário, para reclamar que o pão seja igual para todos, que não seja nocivo, não sirva de veneno em vez do alimento; que seja vendido a preços que permitam, aos consumidores, a sua aquisição. Numa só frase: que o pão não sofra aumento no preço e não seja falsificado.

Reúnia ontem, esta secção, ocupando-se de novo da magna questão do pão, resolvendo pedir à União das províncias

A BOA PAZ

A questão internacional

A reforma «nominal» da odiada Tcheka

Um ou outro camarada com quem tenho trocado impressões sobre as coisas russas tem manifestado a sua admiração, estranhando que um povo que fez a revolução se sujeite a uma situação tão torturante e vexatória.

Ignoram a revolução popular de Cronstadt, esmagada em sangue e o modo como o governo procedeu com todas as organizações dos revolucionários da esquerda, destruindo-as, enquanto a maior parte destes se batiam nas fronteiras contra os generais tsaristas que atacavam a Rússia, impossibilitando essas organizações não só do fiscalizarem os actos do governo como de exercerem qualquer acção posterior na defesa da liberdade e dum maior bem estar económico.

A Tcheka constituiu por sua vez o terror permanente e os factos já anteriormente expostos são a melhor demonstração.

Com a inauguração da nova política económica, também a Tcheka sofreu uma reforma.

Vamos verificar se qualquer tentativa de insurreição popular ou proletária é possível com essa nova reforma.

A primeira foi no nome. Chama-se agora: Departamento Político do Estado do Commissariado do Povo para o Interior e foram-lhe introduzidas estas inovações: a) que a acusação deve ser apresentada ao preso o mais tardar até ao fim de duas semanas de prisão; b) que a sentença deve ser pronunciada no intervalo de dois meses a contar da data da prisão.

A primeira inovação sempre é mais carregada de que entre nós, diga-se de passagem. Uma quinzena sempre é mais que 8 dias sem culpa formada.

Verdade seja que os 8 dias se prolongam aqui até ao número de dias, quando não de meses, que a autoridade que, especialmente se se trata de presos por questões sociais ou políticas.

Mas o mesmo, em iguais circunstâncias, sucede com a inovação comunista-policial.

O novo Código Penal que acompanha a reforma contém os artigos que definem a matéria do crime. Não os transcrevo na íntegra, apesar de serem flagrantes de interesse para não enfiar ao leitor. Mas vejamos alguns respeitantes a crimes políticos e sociais: art. 6.º — É considerado um crime toda a acção ou omissão publicamente perigosa que ameace os fundamentos do sistema soviético (leia-se do Estado comunista) e da ordem pública estabelecida pelo poder... etc.

Que tal? Condenado por fazer alguma coisa, e condenado por não fazer...

Mas este ainda é mais curioso: art. 10.º — Em caso de falta de indicação no Código Penal dum clausula directa sobre casos específicos de crimes ou de castigos ou de medidas de defesa social, devem ser postos em execução aqueles dos artigos do Código que previam os crimes mais análogos em matéria de importância ou carácter.

Por este artigo o camaradinho russo pode ser preso «por ter cão e preso por não ter»; mas desde que o esbirro o prende, fica muito bem preso. Levado ao tribunal é-lhe aplicada uma penalidade, que tanto pode ser mínimo como a máxima (pena de morte) só porque lhe foi engendrada uma acusação que tem analogia, com tal ou tal disposição do código...

O prazo de dois meses dentro do qual deve ser julgado o «criminoso» pode, por um adiamento feito, posteriormente, àquela reforma, repetir-se tantas vezes quantas o Departamento entender, bastando apenas considerar necessário salvaguardar a República, ou que continuem as averiguações.

E' um mimio esta democrática reforma... para que lhe enviem uma nota de preços por um pão vendido o pão nas respectivas localidades a fim de sobre o assunto concluir um trabalho que deve ser apreciado na próxima reunião do Conselho Confederal, pedido este já feito, por officio, há semanas.

Revolução contra o mal estar económico e político? Mas, para castigar essas veleidades libertadoras lá está o art. 76.º, que ressa assim: «A organização de bandos armados e a participação nestes bandos e nos ataques às instituições socialistas (leia-se do Estado comunista) privadas, é castigado com a maior medida de castigo, (pena de morte)».

Para os revolucionários expulsos do país também há esta penalidade: art. 71.º — A volta não autorizada aos confins da república dos soviéticos, em caso de expulsão, é castigado com a pena de morte.

Mas o Departamento (Tcheka) chegou a ter os seus poderes limitados logo a seguir à inauguração da nova política. Essa instituição policial chegou a só poder desterrar por ordem administrativa qualquer prisioneiro por um prazo máximo de 3 anos, embora sem processo nem exame preliminar.

Era ainda o arbitrio, não há dúvida, mas já não fusilava sem haver sequer culpa formada.

Contudo em Setembro último — diz Schapiro — publicou-se um decreto supletivo que dá ao Departamento político o direito, por ordem administrativa: 1) a conservar nos campos de concentração as pessoas por ele deterradas durante o período do seu destierro; 2) a fusilar todos os detidos em flagrante delito de resistência armada, em actos de banditismo ou em todos os casos em que um indivíduo é preso tendo armas na sua posse.

«Temos, pois, a legalização da pena de morte por ordem administrativa, ou seja a execução dum homem sem que tenha a possibilidade de dizer seja o que for».

O Departamento político do Estado do Commissariado do Povo para o Interior (Tcheka) tem uma organização moderna perante o Commissariado do Povo para o Interior, que, por sua vez, é responsável perante o Conselho de ministros. Mas sucede que o Commissário do Povo para o Interior é exactamente o mesmo Dzerzhinsky!

Querem-nos mais comediantes? Não dá mesmo vontade de lhes gritar: vão lá enganar... outros? M. J. de SOUSA.

NOTAS & COMENTARIOS

Um clamor de revolta

O sr. Fernão Boto Machado, ministro de Portugal no Japão, chegado há tempos a Lisboa, foi ontem entrevistado pelo *Diário de Lisboa*. As suas declarações plenas duma indignação que o referido jornal deveria ter suavizado mereciam ser transcritas pela verdade que traduzem. Entretanto algumas frases que respigamos, dirão aos leitores da maníria como o sr. Fernão Boto Machado falou:

«Dentro duma monarquia clerical com presidente, que é o que ali está não pode sequer, conceber-se a democracia. Na democracia o povo exerce a sua influência e a sua soberania. Em Portugal quem manda hoje é o capitalismo, inimigo tradicional da soberania popular. Estamos, pois, vivendo, num regime de autocracia e despótica teocracia. Felizmente que não é nossa a culpa».

O preço da uva

Como o negócio dos vinhos tenha sofrido extremamente um rude abalo, as uvas estão aparecendo em quantidades invulgares. Porém, os eternos amigos dos grandes lucros ainda se não encontravam dispostos a fazer no seu preço uma baixa que as circunstâncias ocasionavam. De maneira que os horticultores e agricultores do distrito de Lisboa, na perspectiva de não terem saída as uvas, reclamaram da Câmara licença para as vender, a \$40 e \$50, nos jardins e outros locais públicos.

Vai, pois, descer o preço da uva; a não ser que se verifique a estranha e triste hipótese da Câmara Municipal se opor — à descida do preço da uva.

Lêr na 3.ª página:

Agenda de «A Batalha».

HOJE

na Secção do Alto do Pina, realiza-se uma grande sessão de protesto contra os senhores

A Comissão Mista de Propaganda do Alto do Pina, sabedora de que se preparam inúmeros despedimentos de inquilino, convoca o povo do Alto do Pina a comparecer hoje, pelas 16 horas, na Secção da Construção Civil na rua Barão de Sabrosa a fim de, numa sessão de enérgico protesto, se assentar na defesa a empreender.

Todos os inquilinos devem comparecer nesta sessão a fim de defender os seus interesses ameaçados.

Congresso Israelita

VIENA, 18 — O Congresso Israelita a que assistem 450 delegados de todo o mundo estudou várias questões que interessam aos judeus e a maneira de coadjuvar eficazmente os ideais pacifistas.

FANTASIAS TELEGRAFICAS

Um desmentido da Bulgária

BERLIM, 18 — A embaixada bulgária nesta cidade desmente que tenham sido condenados em Sofia a pena última alguns ex-ministros do gabinete Stamboulsky.

SECCÃO VEGETARISTA
O VEGETARISMO
analisado sob o ponto de vista moral

(Cancião)

Alinda que uma sensibilidade mais profunda, não somente do coração mas também da estética, fale contrário ao morticínio desnecessário dos animais e contra a alimentação carnica, quer dizer, completamente favorável ao vegetarianismo, tem este impulso um contraponto considerável a vencer que é a força gravitativa do costume, afirmada e consagrada por muitos milhares de anos, gravitativa às vezes tão necessária, mas outras vezes lamentável. Já Plutarco, cheio de indignação moral, exclamava: «Chamam cruéis as serpentes, panteras e leões que comem matam para a sua alimentação e vos exclamam: não é cruelidade porque não precisais de fazer para a vossa. Eles matam por necessidade e vos apenas por gula e atascamento».

Quanto são os que têm a consciência clara desta crueldade? Fazer despertar esta consciência moral e estética há de ser, pois, uma das principais tarefas do vegetarianismo.

Certamente existem também motivos higiénicos e económicos populares para servir de provas suficientes e de grande valor para a justificação da alimentação isenta de morticínio no nosso estado de cultura e nos nossos climas; mas o que tem a convicção científica do destino moral da espécie humana sempre colorirá a parte moral à frente de todas as suas considerações sem por isso perder de vista todos os mais factores. «Se o espectáculo dos tóus sacrificados aos deuses chegou a ser considerado como uma atrocidade, agora os que comem os pedaços dos corpos mortos não necessitam contemplar o sacrifício nos higiénicos matadouros modernos». Como são poucos os admiradores do grande mestre de Bayreuth que tenham conhecimento de que este sermão que tanto recorda a situação de Plutarco, se encontra no escrito de Ricardo Wagner «Religião e Arte» (páginas 10-20).

Com efeito, tanto debaixo do ponto de vista da filosofia religiosa como sob o ponto de vista da verdadeira arte deve a doutrina vegetariana ser considerada como um adiantamento do maior importância.

«Vede, foi-vos dado para a vossa alimentação diferentes espécies de ervas que crescem em toda a terra e também toda a classe de frutos» assim diz a Bíblia da vida do Paraíso. Um paraíso completo, sem deuses não poderá criar a consciência do espírito humano, mas uma vida culta o ideal, não pode de nenhum modo existir com o costume da elusão do sangue e alimentação da carne.

O vegetarianismo neste sentido forma uma doutrina, um ensinamento geral de humanidade, um adiantamento de cultura e importância universal, e isto é garantido pela idade e imperiosidade de tal doutrina e também a circunstância de que o vegetarianismo não se divide em partidos políticos ou seita religiosa, mas que é bem acolhido em todas as partes onde se ensina e se prega em nome da humanidade e da vida humanitária.

O número dos vegetarianos teóricos aumenta de uma maneira notável muitos não têm a força de poder libertar-se por completo do costume hereditário de tantas gerações que se alimentam com sangue e muitas pessoas de sólida instrução e de coração compassivo podem todavia com tranquilidade completa passar por diante dos matadouros e talhos cujas portas e janelas estão adornadas com cadáveres de animais colocados bem à vista sem que isto os faça esquecer. Lessing emite o conhecido proverbio: «O homem é compassivo e o melhor». Pois bem, despretensões cada vez mais a compaixão que o destino eterno e todo poderoso, segundo a expressão dos antigos gregos e romanos, inflexível, impavido, siga a sua carreira em toda a sua grandiosidade e frialdade por cima de toda a dor, sem piedade e sem caridade! Ao homem débil e mortal é conveniente a compaixão e a simpatia também para com o animal pacífico e inocente. Para ele é o vegetarianismo de grande importância.

Leopoldo SCHWARZ.

A CAMARA MUNICIPAL
TOMA UMA RESOLUÇÃO QUE FAVORECENDO OS SENHORIOS, PREJUDICA IMENSO OS OPERARIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Segundo uma recente postura aprovada pela actual câmara, a limpeza das prédios da cidade que era de 6 em 6 anos, passará a ser feita de 8 em 8 anos.

Para esse efeito, a cidade que se encontrava dividida em seis zonas para as beneficiações dos prédios, passará a ser dividida em oito o que ocasionará, dentro de pouco tempo, como é fácil de prever, uma crise bastante sensível na construção civil.

Havendo 44 freguesias, na cidade, deviam ser limpos, portanto, em média, em cada ano, todos os prédios de sete freguesias e, em virtude da recente postura camarária, será de cinco o número de freguesias em que, anualmente, deverão ser limpas as propriedades.

Calcula-se a quantidade de prédios que podem ter essas duas freguesias que deixam de ser limpas e ter-se-á que concluir que a postura a que nos temos reportado, vem sacrificar milhares de operários.

Admitindo que cada freguesia tem 250 prédios e que em cada um deles se podem ocupar em média, num mês, seis operários, teremos que concluir que são 1500 proletários que ficarão impedidos de adquirir o sustento de suas famílias.

Para se avaliar, porém, como está ameaçada a classe da construção civil, basta notar-se que o sr. Cortal, estabeleceu que no ano de 1924 deviam ser limpos os prédios situados nas freguesias de S. José, S. Sebastião, Camões, S. Mamede, Pena, Carnide e Benfica.

Repare-se que os prédios dessas freguesias, segundo a postura anterior, foram beneficiados em 1922 e grande parte em Março deste ano, por terem obtido prorrogação das respectivas limpezas de acordo com o estabelecido no art. 5.º da mesma postura.

Como a nova postura no art. 9.º tem um parágrafo transitório que estabelece que os prédios que foram pintados no ano de 1922 e 1923 (os deste último ano, passamos) seja referida postura, para 1925 e grande parte deles já foram limpos por determinação da postura que estava em vigor, ficam isentos de o serem de novo e respectivamente nos anos de 1924 e 1925, ter-se-á que reconhecer, a não ser que tenhamos a inteligência tão curta como certos maguantes, que predominam na repartição de arquitectura da Câmara, incluindo, é claro, o respectivo chefe, que para os anos citados serão limpos os prédios que tinham casualmente passado pela malha a não ser que nenhum fosse limpo o que não aconteceu e que na repartição não se segue a mínima importância aos serviços da fiscalização.

Servindo-nos dos cálculos que acima fizemos e admitindo que em cada uma das citadas freguesias existem 250 prédios e que uma décima parte desses prédios não foram criados ou pintados e que o vão ser em 1924 e 1925, se quisermos admitir, ainda, que não há crise presente na construção civil, concluímos que para a décima parte desses prédios, só uma décima parte dos operários que nas suas beneficiações empregam a sua actividade, irão empregar nos dois anos que vem.

Que dizer!

Novas decimas partes dos operários que mais ou menos tem tido que fazer, estão com enados a morrerem de fome nos anos de 1924 e 1925 unicamente porque se apresentou na Câmara sem motivo justo ficado uma postura absolutamente disparatada.

Informamos-nos que a citada postura foi elaborada pelo sr. Cortal Real, indivíduo que se encontra Visconde de Bueiras, e que o seu trabalho obedece unicamente ao propósito de agradar ao chefe da repartição de quem é secretário e que, sendo amantado há três anos, é hoje primeiro official chefe de secção talvez por ter o único mérito de ser um monárquico ferrenho.

Teria o sr. Cortal Real, o propósito de contribuir, na medida das suas forças, para criar dificuldades à república, por estar convencido, que todos os monárquicos, que isto quanto peor melhor?

Que os operários pensem na situação em que os deixa a citada postura e quanto ela é terivelmente ameaçadora para eles, são os nossos votos.

Pela nossa parte prometemos voltar ao assunto.

José VIEIRA

Organização em marcha
Um sindicato de mineiros em Valongo

Os mineiros e anexos de Valongo, que, devido aos esforços da Delegação Co-federal do Norte, se organizaram, já inauguraram o seu sindicato com a presença de dois delegados daquela organização.

A esta assembleia inaugural presidiu o camarada Francisco da Costa Faia, secretário do Norte, e organizaram, já inauguraram o seu sindicato com a presença de dois delegados daquela organização.

Vaz Osório, da Delegação Co-federal, depois de dirigir as suas saudações a todos os presentes, aludiu à última greve que todo o pessoal das empresas mineiras de Valongo fizera, terminando por considerações de carácter sinfónico, apelando para que todos se solidarizassem com a volta da sua bandeira associativa.

Neste momento a assembleia levantou vivas à organização operária, à Batalha, etc., entusiasticamente correspondendo.

A seguir procedeu-se à nomeação da comissão administrativa, que ficou assim composta: Joaquim Rodrigues dos Santos, secretário geral; Francisco da Costa Faia, secretário administrativo; Adolfo Augusto da Silva, secretário adjunto; João Baptista; secretário adjunto; Alberto Ribeiro, tesoureiro; e Manuel Ferreira da Rocha e Artur Maria, vogais.

António Inácio Martins, da construção civil, saudou os mineiros de Valongo e referiu-se aos exemplos heróicos dos mineiros de Aljustrel, iniciando para que os primeiros cheguem a atingir o grau de desenvolvimento sindical dos segundos, para que possam conquistar mais um pouco de bem estar para as suas famílias. Atacou a fundo a burguesia, demonstrou os seus deuses e asseiras dos nossos governantes, que apenas se preocupam em perseguir os operários quando eles reclamam os seus direitos à vida, e por último, salientou as vantagens da organização sindical—sendo aplaudido, como fora o orador precedente.

José da Silva, ferroviário e um dos membros da comissão organizadora do sindicato dos mineiros, saudou os delegados da Delegação Co-federal pela forma como tem auxiliado a constituição do sindicato, trouxe lições das greves dos mineiros de Aljustrel e de Covilhã para provar o valor da organização operária.

Por último, voltou novamente a falar o cam. Vaz Osório, que, entre outras coisas, explicou o que é a Internacional.

A sessão, que decorreu entusiasticamente, encerrou-se aos vivos à C. G. T., operário, a Batalha, etc., depois de ter sido aprovado um protesto contra as perseguições feitas na capital aos militantes operários.

“A BATALHA” - na provincia e nos arredores
ALPIARÇA
16 DE AGOSTO
O violento incêndio na Quinta da Torre

«Já sabido, pelos jornais, que na quinta desta quinta se produziu um violento incêndio nos fascis do pão que ali existiam para debulhar, não se sabe do ainda se foi devido a fúria da locomotiva ou se a mão criminosa.

O que é verdade é que o incêndio começou do lado a que o vento não poderia levar uma fúria que o ocasione e daí a suposição do crime.

Comentários não faltavam ante o espectáculo que causava horror, dizendo uns que era lançado em virtude do feitor não querer no serviço sem os trabalhadores de Almerim, e outros que era ceder e ninguém se ariscaria a ir cometer um repugnante crime, e tanto mais concentrando-se ali ainda todo o pessoal do trabalho, o feitor e alguns criados, e que o pão não só pertencia à quinta como a diversos homens, que só do trabalho vivem.

Se não criminoso existe neste crime não é digno de defesa. A nossa pena que já defendeu os opressores, combater sempre pela verdade, doa a quem doer.

O incêndio que destruiu tanto pão não beneficiou ninguém, pelo contrário prejudicou todas as classes.

NIZA
14 DE AGOSTO
As infâmias da justiça official

Assistimos profundamente revoltados a duas pequenas audiências realizadas neste court-lho, e confessamos que a nossa revolta aumentou contra esta sociedade criminosa.

Resumindo, vamos descrever quando vimos ou ouvimos.

Aberto a audiência e feitas as formalidades do costume o juiz interrogou a réus: duas pobres mulheres do povo, dessa «catalão» miserável escumada por um benemérito da próxima procissão de Fátima, o dr. Vieira que, como muitos, um explorador desumano, não suga mais o suor dos trabalhadores que lhe caem na «garras aduadas», porque não note, Acusou-as de duas pobres mulheres de, em d. terminado dia, terem ido roubar a uma «sua» propriedade um feixe de lenha cada. Ao testemho foram duas criaturas que, não o mesmo terreno um telheiro, e não os verdadeiros donos dessa lenha e tinham portanto todo o interesse em afirmar que haviam visto roubada. Embora as mulheres negassem e afirmassem ser a lenha doutro proprietário próximo, o desalmado representante da justiça burguesa, condenou-as a 100 escudos cada, o que com custas e selos do processo, segundo algum nos informou subirá a 300\$00 cada feixe de lenha!!!

Para cosinhar o seu triste e deficiente alimento o trabalhador que, não conseguindo ganhar o suficiente para viver, se ataca a ir buscar um simples feixe de lenha, é acusado de ladrão, e condenado, e, em paga uma exorbitância um val para a cadeia.

Já não protestemos, apenas registamos e chamamos para estes casos a atenção de todos os trabalhadores do concelho de Niza, para que despareçam e constituam a sua organização local, pois que o concelho, sendo bastante grande, com uma população muito avultada, não tem, no entanto, nenhuma associação de classes. Boa seria também que os organismos de Niza, a C. G. T., a Federação Rural e de Trabalho, a Federação mais próxima, fizessem sair a sua acção emancipadora nesta região.

Para que se possa avaliar o estado do espírito a que dá aqui origem a falta de acção sindical e instrução, basta relatar o seguinte caso:

Numa povoação próxima denominada Castelo, encontrava-se uma rapariga doente e o povo espalhou logo que a pequena tinha nem mais nem menos do que: isto é uma alma do outro-mundo dentro da barriga!

O abade da dita povoação, única pessoa que conseguiu falar com o espírito, declarou que este só saiu depois de ter icente mandar dizer 5 missas, o que depois sucedeu... Mas isto não é caso único. Frequentemente se registam casos idênticos.

FERROVIARIOS DA C. P. LISBOA NA RUA

Uma reunião do Pessoal de Coimbra

COIMBRA, 17.—Nas salas do Ateneu, e a convite da comissão executiva e de melhoramentos do Sindicato do Pessoal Ferroviário da C. P., realizou-se uma sessão, que teve por fim o elucidar o pessoal, aqui em serviço, das demarches encetadas pró-efectivação das reclamações feitas e entregues à direcção da Companhia, que, de rotta com os governos, procura protelar as injustas e humanas netções dos seus operários.

Esta sessão foi assistida por dois delegados de Lisboa, os camaradas Rijo e Castelhano, que, em missão de propaganda, tem percorrido as várias linhas da C. P. procurando o apoio de toda a classe para que não descure as suas reclamações.

Foram também ventilados os casos ultimamente passados em Gaia, que foram asperamente condenados, por representarem um infame atentado contra os que nobremente lutam contra as ordens dadas por superiores por as acharem iníquas e estúpidas.

A sessão esteve regularmente concorrida, e, se ela não foi o que devia ser a culpa deve atribuir-se ao facto de a propaganda para a sua realização ter sido feita muito tarde e também ao facto de a organização operária nesta cidade estar muito desmanteada.

Bom será que, tanto a Federação Ferroviária como todas as outras e a C. G. T., façam convergir para aqui um pouco de propaganda que dê alento aos sindicatos, que hoje tem uma vida quasi ficticia, em futuras sessões o operariado se faça representar em massa, demonstrando assim estar pronto a lutar pela sua emancipação.

«O TRABALHO»

Conforme tínhamos noticiado, não tendo aparecido até ao dia 10 quem o fizesse maior lance, foi entregue ao nosso camarada Sraiva de Aguiar, o volume da obra *O Trabalho*, cuja venda vinhamos anunciando, a fim de auxiliar um infeliz operário que se encontra doente. A importância, quarenta escudos, encontra-se depositada na administração do nosso jornal.

Passeios e excursões

Grémio Excursionista Civil do Monte

Promete revestir grande entusiasmo a excursão que este antigo Grémio de propaganda anti-clerical realiza a Vila Formosa, em comboio especial.

Vários elementos liberais daquela vila preparam uma brilhante recepção aos excursionistas.

Os sócios serão previamente avisados do dia e hora da partida, que está dependente das negociações encetadas com a Companhia dos Caminhos de Ferro.

Sindicato Unico Metalúrgico

Promovida por este Sindicato realizou-se no próximo domingo, 26, uma grandiosa excursão em camião à Sintra, Colares e Praia das Maças.

Esta excursão cujo produto reverteu em auxílio das aulas e outros melhoramentos na sede do Sindicato, deve constituir um motivo de confraternização e alegria entre os excursionistas, tendo já a comissão organizadora preparado um grandioso «pic-nic» cheio de atractivos e surpresas e que se realizará no campo dos Seteais, em Sintra.

Acompanha esta excursão uma troupe de bandolinistas, composta de dedicadas camaradas, que executam durante o trajeto um esculhido repertório.

A partida de Lisboa é da Rotunda às 6,30 horas, da Praia das Maças às 12, e de Sintra às 18, sendo o preço dos bilhetes 12\$50.

A Comissão previu que só aceita requisições de bilhetes até à próxima quarta-feira e pede a todos os camaradas que deem bilhetes para irem à sede do Sindicato prestar contas amanhã a fim de poder regularizar as suas contas com a respectiva Empresa de Transportes.

Trabalhadores:
LEDE «A BATALHA»

TEATROS E CINEMAS

CARTAZ

NACIONAL—A 21, 13—(2) 00\$00
S. LUIS—A 21, 13—(2) 00\$00
AVENIDA—A 21, 13—(2) 00\$00
S. LUIS—A 21, 13—(2) 00\$00
AVENIDA—A 21, 13—(2) 00\$00
S. LUIS—A 21, 13—(2) 00\$00
AVENIDA—A 21, 13—(2) 00\$00

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII.)
A 21, 13—(2) 00\$00
S. LUIS—A 21, 13—(2) 00\$00
AVENIDA—A 21, 13—(2) 00\$00
S. LUIS—A 21, 13—(2) 00\$00
AVENIDA—A 21, 13—(2) 00\$00

Noticias

Quarta-feira realiza-se no Nacional a primeira, em recita de moda, da comédia largada em 3 actos *O Cabeça de Turco*, original de D. António Fernandes Lina, adaptada, livremente, a scena portuguesa por Henrique Galvão, Carlos Ferreira e Jorge Santos, sendo apresentada com secários de Campos & Oliveira.

O sr. Daniel Rodrigues remeteu o requerimento ao presidente da Comissão Executiva.

SUCATAS

Compram-se por altos preços sobre bronze, metal, chumbo, estanho, tipo, latão e zinco. Nave e Garvalho, 13, junto ao arco pedregoso.

Sanidade Publica

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, apresentado na última sessão do Conselho Superior de Higiene, na semana finda em 11 do corrente manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 4 de febre tifóide e 3 de varíola, e no Porto 2 de difteria, 2 de febre tifóide, 3 de sarampo e 4 de varíola.

PORTIMÃO

10 DE AGOSTO

Ruidosa demonstração de inconsciência

Ontem pelas 21 horas, a Hilarmonica da terra saiu a tocar a «Portuguesa», de mistura com alguns foguetes, em sinal de regozijo pela eleição do sr. Ferreira Gomes, filho desta terra, para presidente da República.

Na manifestação incorporaram-se muitos operários que, desgraciadamente, levam uma vida inteira de trabalho sem que até hoje os presidentes da República assinassem um decreto criando o qualquer estabelecimento de beneficência que os inibisse de mendigar de porta em porta quando a velhice os impede de ganhar o pão de cada dia.

Apesar de tantas manifestações a presidente da República e a governos de Antónios Marias não deixam de estar encarcerados em S. Julião da Barra operários que fizeram a República e a tem d. defendido nas horas mais difíceis, escalando o Monsanto ou batendo-se no norte para que ela possa eleger o seu presidente e manter presos os seus defensores. Lembram-se há o proletariado de Portimão de fazer também uma manifestação de protesto pró-liberdade dos presos defensores desta República! Assim é que «stava é certo»... C

INTERESSES DE CLASSE

Aos trabalhadores da Exploração do Porto de Lisboa

Camaradas: É lamentável que, quando as várias classes operárias estão lutando por melhorar a sua situação económica, em face do incessante agravamento da carestia da vida, os trabalhadores da Exploração do Porto de Lisboa, que suportam uma vida de verdadeiros escravos e se debatem com mais crua e miéris, mostram uma falta de energia que chega a ser criminoso.

Torna-se inconcebível que com o mequinhito salário de 9335 se consiga resistir a um trabalho dos mais árduos e pavorosa situação que se atravessa, silenciosamente, sem um dignificante gesto de revolta!

Toma um pouco de energia, covardes, para que um condigno aumento de salário vos possa habilitar a enfrentar a carestia que a especulação dos vampiros capitalistas provoca sem o menor vislumbre de remorso.

Deixai-vos de retaliações, abandonai o indiferentismo, uni-vos como um só homem, pois só assim conseguireis impôr-vos aos vossos exploradores, que se aproveitam da fraqueza que demonstrais para tornar mais negra a nossa miséria... Al redro Rogério.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Leitimo metal Auer privilegiado e acreditado universalmente por ser o único que faz boa fumaça.

Umido com as imitações, DUZIA 150. Fumaceiros, rádios, tubos, pipos e tambores. Fornecedores de primeira.

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 - LISBOA

FATOS

—desde 45,00—
(Cortes de 3 metros de esplendidas casimiras)

Só nos depósitos os Dons de Covilhã, porque fabricam e vendem directamente ao público sem intermediários. Qualquer pedido deve ser para fatos e vestuário em todas as medidas e cores, pagando 50 a 60 qd.

Depósito de vendas a retalho:

EM LISBOA — Rua dos Panqueiros, 187, 2.º.

NO PORTO — Rua Fernandes Tomás, 392-A.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como roças, óleos e misturas, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Cade de Barão, n.º 55.

Dirigir pedidos para o Francisco Pereira Lata, (E' a casa que fornece em m. fiores condições).

UMA CUPA DAS DOENÇAS PELAS PLAS

Pedidos à administração de A BATALHA. Preço 1 escudo. Pelo correio 1\$20.

H.º 15
19 DE AGOSTO DE 1923

LEÃO TOLSTOI

POLKHEIM DE «A BATALHA»

Maldito dinheiro

Não queres por mais vinte e cinco? repetiu Doutlov. Não queres? Então, fica com Deus! E voltando-se brusca e continuou: Pois bem! se a. Fezamos o negócio por prezentes e finalmente: faz o recibo e manda chamar o rapaz. E agora aqui tens a comissão. Chegaram dois vermelhos? (1)

Doutlov contou o dinheiro.

O patrão não parecia muito decidido, e sem pegar na comissão, reclamava ainda gorjetas e sustento para o substituto.

—Por ora ainda não li disse Doutlov sem hesitar o dinheiro. Todos havemos de morrer um dia, prosseguia com uma voz tão doce, tão evangélica e tão comunicativa que o patrão conformou-se.

—Pois bem! seja! Acordaram o substituto que cosia a bebedeira da véspera, observaram-no e dirigiram-se os três para o recrutamento. O substituto era forte e alegre, pediu rum com o dinheiro que o Doutlov lhe deu e só se intimidou um pouco penetrando no vestíbulo do edifício militar.

Ali o velho intermediário de café azul e o substituto com uma tulupa curta, e sobranceiras em arco e os olhos encarquilhados, esperaram durante muito tempo. Conversaram demoradamente em voz baixa, perguntavam por alguma coisa ou por alguém, tiravam os bonés à passagem de cada scribe, cumprimentavam, e absorviam, escutavam a resposta que lhes trazia o scribe conhecido do intermediário.

Tinham já perdido as esperanças de

concluírem o negócio naquele dia, quando de súbito Doutlov avistou Mikhailovitch. Agarrou-se logo a ele, saudou-o e implorou-lhe o seu auxílio.

Egor Mikhailovitch desenvolveu tal actividade que pelas três horas, era o substituto, com grande magua sua, conduzido à sala do recrutamento e submetido à inspecção. Ali, no meio da histeria que inexplicavelmente se apoderava de todos, desde o guarda até ao presidente, o rapaz foi despido, barbeado, vestido, mandando-o em seguida embora. Cinco minutos depois Doutlov contava o dinheiro, recebia a resalva, e depois de se despedir do intermediário e do substituto, encaminhou-se para casa do negociante onde se achavam os recrutados de Pokrovsky.

Ilia estava sentada a um canto junto da mulher. Vendo entrar o velho, calaram-se, fitando nele os olhos a um tempo submissos e hostis. Como sempre, o velho fez a sua oração; depois pegou num papel e chamou-lhe seu filho mais velho e a mãe de Illichka.

—Illichka, começou ele dirigindo-se ao sobrinho: Ontem à noite disseste-me umas coisas... Julgavas que não tinha compaixão de ti? Eu não esqueci que meu irmão te confiou de mim. Tera-te entregue se tivesse podido logo, resgatar-te... Deus deu-me a felicidade e não hesitei um instante. Aqui tens o papel! disse ele depondo a resalva sobre a mesa.

Todos os miúdos de Pokrovsky, os empregados do negociante, e até os estranhos correram para a casa. Adivinhavam do que se tratava mas não

guém se atrevia a interromper as palavras de avô.

—Aqui tens o papel! Dei por isso quatrocentos rublos! Não censures mais teu tio.

Ilia levantou-se e ficou silencioso sem saber o que dizer. Os lábios tremiam-lhe de cólera. A sua velha mãe ia saltar ao pescoço de Doutlov, soluçando; mas o velho com um gesto lento e imperioso, afastou-a e continuou o seu discurso.

—Disseste-me ontem umas coisas... repetiu mais uma vez; aquelas palavras feriram-me o coração como navalha das. Teu pai confiava-me a mim, considerei-te sempre como meu filho; se alguma coisa te ofendi, todos estão sujeitos a pecar... Digo a verdade, irmãos ortodoxos? Tomo alinda por testemunha tua própria mãe que está aqui e tua mulher... Aqui está a resalva. Que Deus nos livre daquele diabo! É a mim perdoai-me em nome de Cristo!

E Doutlov puxando para o peito o seu caftan, deixou-se lentamente cair de joelhos e inclinou a cabeça até ao chão diante de Ilia e da mulher. Dabalde estes queriam impedi-lo; só o conseguiram depois dele ter tocado com a fronte no chão.

A mãe e a mulher de Illichka saltavam exclamações de alegria. Aproximava-se a noite.

—E' justo, dizia uma voz. — E' uma coisa de Deus dada outra. — O que é o dinheiro, objectava um terceiro, com dinheiro tudo se consegue! — Que relação para eles! dizia-se ainda. Não ha-

via senão uma exclamação; «é um homem justo!»

Só os miúdos designados como recrutados se conservavam silenciosos, saindo da casa sem serem notados.

Uma hora depois os dois carros de Doutlov deixavam a cidade.

No primeiro, puxado pela jumentaria magra, escorrendo em suor, ia o velho com Ignat, atrás dos quais se amontoavam emburruhos, uma caçarola, pães e kalachiki. (1)

No segundo carro iam, transbordando de felicidade, a mulher e a mãe de Ilia. A jovem babá escondia debaixo dos vestidos uma garrafa de vodka Illichka, com o rosto vermelho, de costas voltadas para o cavalo, ia sentado na frente e comia kalachiki sem sentido deixar de falar.

E o ruído das vozes e o rolar dos carros na estrada, o restolejar dos cavalos, tudo se fundia num único e alegre rumor. Os cavalos fugiam ao ar com as caudas e apresentando que se dirigiam para casa, aceleravam a carreira. Os que passavam, a pé, de cavalo ou de carro, voltavam-se insensivelmente para contemplarem aquela ranchada de felicidade.

Mesmo ao sair da cidade, os Doutlov encontraram a leva de recrutados que se agrupavam em frente de uma taberna. Com o boné para a nuca, um dos alistados, tocava alegremente numa balalaika, com essa expressão artificial que do cabelo rapado; um outro sem cha-

(Continua)

(1) Uma nota vermelha vale dez rublos. (2) Dança popular a «cosaca». (3) Diminutivo de Alexey.

